

AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: RESSIGNIFICAÇÕES. ADAPTAÇÕES. RESISTÊNCIAS E DESAFIOS

JOANA BAHIA* 
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO – RIO DE JANEIRO – BRASIL

RENATA SIUDA-AMBROZIAK* 
UNIVERSIDADE DE VARSÓVIA
VARSÓVIA – POLÔNIA

O dossiê “*As religiões afro-brasileiras: ressignificações, adaptações, resistências e desafios*” atualiza questões e temas que discutem campo das religiões afrobrasileiras em diferentes temporalidades. Conceitos como antropoceno¹, considerando a relação entre humanos e não humanos como central no campo analítico² e da inter-religiosidade³, mostram como o fenômeno religioso pode ser compreendido de modo amplo, abrangendo todas as formas de instituições religiosas, comunidades, redes, cenas, culturas e fenômenos, de que modo novas abordagens interdisciplinares e debates públicos proporiam soluções sobre o destino da Terra, ou como os direitos dos seres humanos estão entrelaçados com os direitos dos não-humanos e inseridos nos da natureza em abordagem sistêmica sobre ecologia e meio ambiente. Além da interface entre religião e ecologia, temos no dossiê ainda a centralidade da cosmologia afro em pensar que as crenças dessas comunidades possibilitariam uma reflexão sobre estratégias de manutenção e preservação ambiental.

No artigo “*Religiões mais que humanas: o papel de crenças e instituições baseadas na fé nos debates ambientais e no desenvolvimento sustentável*” de Ramon Felipe Souza acompanhamos uma discussão atual sobre mudança climática e religiosidades, evidenciando de que modo o universo afro-religioso pode contribuir para

* Professora titular em Sociologia e Antropologia do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais em História Social (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Nuer-Uerj / CNPQ (Núcleo de Estudos da Religião).

* Professora associada da Universidade de Varsóvia, Polônia, no Instituto das Américas e Europa, Doutora em Filosofia Social, realizou Pós-doutorado em Sociologia pela UFSC. Atualmente é Pós-doutoranda na PUC-SP, PPG em Ciência da Religião. Colaboradora do Nuer-Uerj.

¹ LATOUR, B. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994; SILVA, A.; LOPES, G. *Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores*. Solcha, v. 11, n. 2, p. 348-396, 2021.

² GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, Papirus, 1990; DESCOLA, P. *Outras naturezas, outras culturas*. Rio de Janeiro, Editora 34, 2016; TSING, A. L., *Viver nas Ruínas: paisagens multiespécie no Antropoceno*. Brasília IEB Mil Folhas, 2019; SOLÓN, P. *Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. Editora Elefante, 2019

³ VER BEEK, Kurt Alan. *Spirituality: A development taboo*. Development in practice, v. 10, n. 1, p. 31-43, 2000

uma percepção sobre o clima. Abordando as perspectivas de povos indígenas e afro-brasileiros, cujas cosmovisões oferecem uma relação intrínseca com a natureza e visões que ainda seguem invisibilizadas, com base em uma revisão de literatura e utilizando conceitos como inter-religiosidade, interculturalidade e “religiões mais-que-humanas”, o texto busca discutir como crenças e instituições inspiradas pela fé podem colaborar enquanto alternativas sistêmicas na luta contra as mudanças climáticas e na busca pelo desenvolvimento mais sustentável. O autor analisou a participação de alguns líderes religiosos do Brasil e do exterior nas Conferências das Partes da ONU (COPs), especialmente na COP 21 (2015) e COP 23 (2017), eventos que expressaram forte apoio e engajamento de lideranças religiosas não hegemônicas, comentando de que modo essa têm sido a principal plataforma multilateral para abordar questões relacionadas às mudanças climáticas e demonstrando que há neles uma mobilização política crescente, que inclui a dimensão ambiental em suas visões de mundo e a viabilidade do desenvolvimento sustentável. Com o destaque para a construção de alternativas sistêmicas, ele destaca o ecossocialismo, a soberania alimentar, a economia solidária, o Ubuntu e a ideia do bem-viver, com evidências importantes dos saberes afroindígenas, como alternativas a uma agenda de desenvolvimento excludente, que, em linhas gerais, prioriza o crescimento econômico em detrimento de elementos importantes para o processo de desenvolvimento como saúde, educação, bem-viver e a defesa dos direitos da Terra.

Além das ecologias sagradas, as materialidades⁴ compõem um campo analítico importante para as religiões afro. Almeida e Goyatá⁵ ao analisarem as materialidades que circundam, respectivamente, a quimbanda e o vodu, mostram como a interseção entre objetos, pessoas e animais e mesmo realidades fílmicas e virtuais compõe a paisagem do

⁴ MEYER, Birgit; DICK, Houtman. Religião material: como as coisas importam. In: GIUMBELLI, E; RICKLI, J., TONIOL, R. Como as coisas importam. Uma abordagem material da religião textos de Birgit Mayer. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2019.

⁵ ALMEIDA, L. A presença dos exus: mídia, presença e evolução espiritual no sul do Brasil In MENEZES, R e TONIOL, R. *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*, Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2021. GOYATÁ, Júlia Vilaça. Materialidades vodu entre ciência, religião e arte a experiência do Bureau d’Ethnologie no Haiti. In MENEZES, R e TONIOL, R. *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*, Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2021.

chamado antropoceno, e revelam que o campo religioso é bem mais complexo do que imaginamos. Apesar de ser um dos elementos sagrados mais importantes do candomblé, símbolo de pertencimento usado pelos escravizados desde o período colonial juntamente com o pano de cabeça, e entre as mulheres dentro do candomblé⁶, o pano da costa foi pouco estudado. Temos as etnografias visuais de Raul Lody, e, mais recentemente, a dissertação de mestrado “No museu, no mercado e no terreiro: os trânsitos do pano da costa agenciado por memórias” de Ligia M. Macedo, que analisou, a partir do conceito de memória fragmentária⁷ e de fragmentos de cultura religiosa⁸, leituras sobre o pano da costa em três cenários sociais diferentes: no acervo do Museu de Folclore Edison Carneiro, no Mercado de Madureira, ambos localizados no Rio de Janeiro, e na Festa da Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte no Recôncavo Baiano. A roupa não é um mero adorno, mas um objeto no sentido de Gell, que possui agencialidade própria, tratando-se de um dispositivo de construção de identidades sociais.

Numa linha mais inovadora, o artigo “*Teresa e o pano da costa: uma breve discussão sobre a inclusão de elementos das religiões afro brasileiras em imagens produzidas por IA*”, da autoria de Carolina Dantas de Figueiredo e Ivan da Costa Alecrim Neto, trata do uso da inteligência artificial para reconstrução de um dos anúncios de escravizados em jornais do século XIX estudados por Gilberto Freyre, afim de melhor elaborar uma imagem para análise do pano-da-costa, um forte indício de pertença cultural e religiosa, acessório que aparece em outras imagens e textos sobre escravidão. Os autores se baseiam nas concepções de cultura digital, especificadamente no conceito de banco de dados, em que esse seria uma nova forma de estrutura narrativa, contrastando com o formato linear das narrativas tradicionais, adequando-se à fragmentação característica do mundo virtual. Para os autores, o banco de dados⁹ organizaria as informações de modo não-linear, permitindo ao usuário reorganizar dados de forma flexível, interagindo com a

⁶ PURPURA, K. L. de J., & MENDES, F. D. O Pano da Costa e o Torço como Panos de Vestir: entre amarrações, torções e nós. *Revista Calundu*, 7(1), 2023.

⁷ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v.1)*. 8. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 214-252

⁸ PARÉS, Luis Nicolau. O rei, o pai e a morte: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos na África Ocidental. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

⁹ MANOVICH, L. *Software Takes Command*. New York: Bloomsbury, 2013.

informação. A ideia é repensar os usos das imagens dos sujeitos escravizados como parte da invisibilidade atribuída a estas pessoas, e lhes trazer uma humanidade a partir da materialidade gerada pela inteligência artificial, lhes conferindo uma subjetividade, algo raro diante da brutalidade documental sob o olhar colonial. Revendo olhares e objetos temos novamente a importância das mulheres na história das religiões afro.

A presença feminina e sua agencialidade no candomblé também é revisitada no estudo sobre os tambores, em que a Sanara Rocha mostra, em seu artigo “*A mulher no tambor é tabu? problemas de gênero e poder no território simbólico dos tambores do candomblé*”, as mudanças recentes na ritualística do candomblé. Apesar da literatura corrente mostrar que os tambores são domínio masculino pertencente aos ogãs e alabés, a autora decide analisar a presença de tamboreiras. Ela critica os fundamentos que instituem a proibição feminina aos tambores sagrados do candomblé, baseando-se em teóricos dos estudos culturais e dos estudos de gênero e sexualidades, em especial o conceito de “performances do tempo espiralar” cunhado por Leda Maria Martins e o de “Atlas Mnemosyne” forjado por Aby Warburg.

Revendo olhares e objetos temos novamente a importância das mulheres na história das religiões afro-brasileiras no artigo “*A resistência local de religiões de matrizes africana frente ao racismo religioso: um estudo do caso ‘Mãe Quida’ em Sergipe*”, Pedro Henrique Moreira Rocha mostra, através da história de uma mãe de santo, como se produz os atos de intolerância sob o aparato do Estado. No dia 23 de fevereiro de 2018, ‘Mãe Quida’, Ialorixá há mais de 30 anos do Centro Afro-Umbandista Rei de Hungria, foi surpreendida no seu terreiro com a visita de uma fiscal da Secretaria do Meio Ambiente do Município de Aracaju/SE (SEMA), acompanhada de 6 policiais. Segundo a servidora pública, o intuito da busca e apreensão empreendida era verificar a suposta realização de “magia negra” e prática de maus tratos aos animais no local, após uma denúncia anônima. Na ocasião, ‘Mãe Quida’ explicou que no mesmo dia ocorreria uma Festa de Exu, cerimônia na qual os animais que vivam no terreiro seriam abatidos, preparados e servidos para a comunidade que atenderia a celebração, enquanto o sangue dos animais seria ofertado ao orixá, uma prática comum nesse rito.

Mesmo com as explicações oferecidas pela Ialorixá, os policiais revistaram cômodos e espaços sagrados do terreiro sem autorização, e a fiscal da SEMA lavrou

notificação contrária à líder religiosa, determinando o encerramento de sacrifícios animais e confiscando os animais que estavam no centro religioso. O ato de fiscalização foi feito à revelia do órgão, de modo que a servidora foi exonerada. O Ministério Público do Estado de Sergipe (MPSE), por meio da Coordenadoria de Promoção da Igualdade Étnico-Racial (COPIER), instaurou um Inquérito Civil e, posteriormente, ajuizou uma Ação Civil Pública de Reparação de Dano Moral Coletivo em Decorrência de Violação ao Direito Constitucional de Liberdade Religiosa em face do Município de Aracaju. É importante ressaltar que a Lei da Ação Civil Pública (Lei n. 7.347/85) possui um dispositivo específico sobre o cabimento da ação em face de danos morais e patrimoniais causados à honra e à dignidade de grupos raciais, étnicos ou religiosos. Na sentença ficou reconhecida a violação do Direito à Liberdade Religiosa, nas modalidades da liberdade de crença e de culto, por meio do exercício arbitrário do poder de polícia da Secretaria do Meio Ambiente do Município de Aracaju/SE.

O caso analisado mostra como o racismo religioso pode se manifestar por meio de agentes públicos, na emissão de alvarás para funcionamento do terreiro, e no impedimento do culto religioso sob alegações de perturbação do sossego, mas também por particulares, na promoção de discursos de ódio e intolerância e na destruição de terreiros. Conceitos como intolerância religiosa e racismo religioso, presentes no dossiê, expõem as agruras dos segmentos afro religiosos e sua presença regulada no espaço público, que é ainda predominantemente cristão pelos dados censitários. Esse conceitual tem sido amplamente criticado¹⁰ por ampliar a ideia da intolerância, demonstrando que a ideia de racismo é profundamente identificada com as religiosidades afro e sua relação étnica com as culturas negras escravizadas que vieram para o Brasil¹¹.

No artigo “*Religiões afro-brasileiras: adaptações e desafios*”, Vera Porto investigou o impacto de políticas públicas recentes, notadamente a patrimonialização pelo IPHAN e a implementação da Lei 10.639/03, na valorização e preservação dessas práticas religiosas. A análise documental envolve a consulta a legislações e diretrizes que tratam

¹⁰ MORAIS, M de. “*Povos e comunidades tradicionais de matriz africana*” no combate ao “*racismo religioso*”: a presença afroreligiosa na Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 41(3): 51-73, 2021

¹¹ CAMURÇA, M e RODRIGUES, Ozaias da Silva. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afrobrasileiras In *Revista OQ* ano 5, número 6, 5-30, 2022

da valorização das tradições africanas, como a Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas, e documentos do IPHAN sobre o patrimônio cultural imaterial. Não obstante o reconhecimento do candomblé e da umbanda como patrimônios culturais imateriais e a implementação de diretrizes que favoreçam o ensino de história e cultura afro-brasileira, o racismo religioso persiste. Neste sentido, a autora destaca a importância de políticas públicas, educação inclusiva e valorização das culturas de matriz africana como sendo vitais para a construção de uma sociedade plural. A autora sintetiza também a luta histórica contra a discriminação racial no mundo e no Brasil, destacando ações para promoção da igualdade e formas de combate ao racismo estrutural. No âmbito internacional, a autora destaca a importância da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e da Década Internacional de Afrodescendentes (2014-2024), promovida pela ONU como parte do calendário de ações contra o racismo religioso.

Nas estratégias de luta do projeto umbandista para se consolidar no cenário nacional, temos o artigo *“Uma vocação científico filosófica? Educação, construção do campo intelectual e a rotinização do sagrado como forma de estruturação da umbanda a partir dos anos 40”* da Joana Bahia, Farlen de Jesus Nogueira e Camilla Fogaça, onde os autores mostram de que modo a educação foi considerada um valor fundamental para os diferentes projetos das federações umbandistas, e de que modo esses buscavam elevar a mesma à categoria de religião. Os autores analisaram matérias do jornal de umbanda e as atas do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda a fim de demonstrarem como o kardecismo serviu de inspiração para a construção de um modelo de racionalização da religião. A identificação com a cultura livresca que se expandiu com editoras espíritas desde o século XIX¹² e com a ideia de uma evolução espiritual¹³ foram importantes para o processo de estruturação do campo umbandista. Isso significou um investimento, ao longo do século XX, na fundação de editoras, organização de congressos e na vasta publicação de livros. Os autores mostram essa vocação educacional presente na formação das editoras a partir de 1950, onde, em 1952, temos a primeira escola da umbanda na tenda Espírita Mirim do médium Benjamim Gonçalves Figueiredo (1902-

¹² LEWGOY, Bernardo. Os Espíritos e as Letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese. Programa de Pós-Graduação em Antropologia social. USP, 2000.

¹³ ISAIA, Artur Cesar. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos 90*, v. 11, n. 11, p. 97-120, 1999.

1986), e, posteriormente, em 1973, a criação do Supremo Conselho Sacerdotal dos Cultos Afro-Brasileiros que oferecia cursos a futuros sacerdotes (Estatuto do Supremo Conselho Sacerdotal dos Cultos Afro-brasileiros). Não obstante a diversidade interna da umbanda, os autores demonstram a vocação do aprendizado via a construção de uma religiosidade que se define como científica e filosófica e onde a formação de um campo intelectual, filosófico e gráfico reflete na vontade de educar como projeto de desenvolvimento espiritual. Esse aspecto se mantém nos estudos atuais sobre os cursos de umbanda online, que se basearam nessa ideia para inovarem seus conteúdos¹⁴, com o material impresso fundamental para a construção da educação online.

Deixando o nosso cordial convite para essa excelente leitura das produções incluídas neste dossiê temático, expressamos a nossa gratidão ao Corpo Editorial da Revista por terem aberto o espaço para a nossa iniciativa e a todos os Autores que submeteram os seus textos. Parabenizamos a todos os colegas, cujos trabalhos foram escolhidos para compor este importante dossiê e esperamos que os textos contribuam para iniciar debates, instigar curiosidade dos leitores e fundamentar bibliograficamente outras pesquisas no futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A presença dos exus: mídia, presença e evolução espiritual no sul do Brasil In MENEZES, R e TONIOL, R. *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*, Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2021.

BAHIA, J. Mídia e marketing religioso na umbanda on line In F. Usarski;, G S Duarte & R S Ambroziak (eds) *Introdução a economia da religião: da teoria à prática*. Rio de Janeiro, Editorial Alta books, in the press, 2026.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura (Obras Escolhidas v.1)*. 8. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 214-252.

CAMURÇA, M e RODRIGUES, Ozaias da Silva. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afrobrasileiras In *Revista OQ* ano 5, número 6, 5-30, 2022.

DESCOLA, P. *Outras naturezas, outras culturas*. Rio de Janeiro, Editora 34, 2016.

¹⁴ BAHIA, J. Mídia e marketing religioso na umbanda on line In F. Usarski;, G S Duarte & R S Ambroziak (eds) *Introdução a economia da religião: da teoria à prática*. Rio de Janeiro, Editorial Alta books, in the press, 2026.

- GELL, Alfred. *Arte e agência: uma teoria antropológica*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (orgs.). *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião: textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.
- GOYATÁ, Júlia Vilaça. Materialidades vodu entre ciência, religião e arte a experiência do Bureau d’Ethnologie no Haiti. In MENEZES, R e TONIOL, R. *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*, Rio de Janeiro, Papéis Selvagens, 2021.
- GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas, Papirus, 1990.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos. Ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.
- LODY, Raul. *Jóias de Axé: fios de contas e outros adornos: a joalheria afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- LODY, Raul. *Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé; fotografias de Pierre Fatumbi Verger*. São Paulo: Editora SENAC, 2015.
- MACEDO, Ligia M. *No museu, no mercado e no terreiro: os trânsitos do pano da costa agenciado por memórias*; Dissertação de mestrado defendida no Programa de pós Graduação em memória social da Unirio, 2024.
- MANOVICH, L. *Software Takes Command*. New York: Bloomsbury, 2013.
- MEYER, Birgit; DICK, Houtman. Religião material: como as coisas importam. In: MORAIS, M de. “Povos e comunidades tradicionais de matriz africana” no combate ao “racismo religioso”: a presença afroreligiosa na Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 41(3): 51-73, 2021
- PURPURA, K. L. de J., & MENDES, F. D. O Pano da Costa e o Torço como Panos de Vestir: entre amarrações, torções e nós. *Revista Calundu*, 7(1), 2023.
- SILVA, A.; LOPES, G. *Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores*. Solcha, v. 11, n. 2, p. 348-396, 2021.
- SOLÓN, P. *Alternativas sistêmicas: Bem Viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. Editora Elefante, 2019
- TSING, A. L., *Viver nas Ruínas: paisagens multiespécie no Antropoceno*. Brasília IEB Mil Folhas, 2019
- VER BEEK, Kurt Alan. *Spirituality: A development taboo*. Development in practice, v. 10, n. 1, p. 31-43, 2000.